

EDITORIAL

Tomando como ponto de partida a proposição de Homi Bhabha (1998) sobre a África enquanto espaço "ex-cêntrico" em relação ao Ocidente, e entendendo o continente como o grau zero do Sul Global, Jean e John Comaroff (2015) definem este conceito como uma alavanca epistêmica (shifter) para repensar a ordem mundial no século XXI. Neste dossiê, o Sul Global consolida-se simultaneamente como vetor e problema de pesquisa, tendo as questões globais analisadas a partir da realidade brasileira.

Essa virada de latitude implica não apenas um compromisso com o conhecimento produzido no país, mas a articulação indissociável entre o pensamento local e o debate internacional sobre colonialidade, racismo e desigualdades. A relevância do termo Sul Global reside precisamente na sua capacidade de tensionar as fronteiras geográficas e as dimensões políticas da produção do saber. Ao situarmos o debate no Brasil, questões como as dinâmicas de racialização e os saberes afro-diaspóricos assumem centralidade, iluminando perspectivas pluriversais sobre impasses planetários.

É a partir dessas tensões que este dossiê se propôs pensar o Sul Global não apenas como coordenada no mapa, mas como um dispositivo de dissidência teórica, capaz de evidenciar continuidades coloniais e conexões entre diferentes experiências de marginalização. Assim, o Sul deixa de ser referência geográfica e passa a designar uma posição relacional, articulando territórios, sujeitos e epistemologias em tensão com o projeto Moderno/Ocidental. A partir dessa perspectiva, pensar o Sul Global tendo o Brasil como horizonte ético e político implica questionar permanentemente o nosso próprio posicionamento no mundo.

Com isto em mente, abrimos o dossiê com a entrevista da filósofa Katiúscia Ribeiro, intitulada *O corpo é a filosofia*. Concedida ao Laboratório de Identidades Digitais e Diversidade (LIDD/UFRJ) às autoras Fernanda Carrera, Flávia Fontes, Hellen Freitas, Millena Salles, Amanda Moura, Rosane Romão, Denise Carvalho e Ana Carla Ferreira dos Santos, a conversa aborda epistemologias ancestrais e reafirma o corpo como dimensão central na produção do conhecimento.

Seguindo no plano epistemológico, Júlia Barroso Silveira, reflete sobre as limitações das propostas teóricas da decolonialidade no que diz respeito à condição das pessoas negras no Brasil em *Do texto ao subtexto nacional*: uma alternativa metodológica para avaliar presença e protagonismo em produtos midiáticos. Como se sabe, com a exceção de Aníbal Quijano, os fundadores do grupo Modernidade/Colonialidade, não exploram a questão racial como um elemento central em seus debates. Partindo do reconhecimento dessa questão, o texto tece uma crítica a partir do Brasil e de pensadoras/es negra/os brasileiras/os, como Denise Ferreira, Lélia González e Muniz Sodré, além de caribenhos como Édouard Glissant e Franz Fanon.

Ainda, em seu ensaio, *Sob o comum*, Luis Felipe Abreu Este propõe uma reflexão sobre o conceito de comunidade no campo da Comunicação a partir da crítica negra e de perspectivas decoloniais.

A partir de epistemologias afro-brasileiras, *Luiz Carlos Pinto da Costa Jr.*, em *Entre planos de imanência e Ifá*, propõe reflexões sobre a relação entre tecnologias digitais e práticas de resistência coletiva. Com base no Candomblé e no game Contos de Ifá, propõe alternativas de criação coletiva e formas de resistência frente aos sistemas algorítmicos contemporâneos.

Já Olívia Pilar, propõe uma sistematização metodológica para a análise da representatividade em produtos midiáticos em *Teste de representatividade: uma alternativa metodológica para avaliar presença e protagonismo em produtos midiáticos*. Defendendo a tese de que a representatividade midiática pode ser objeto de análise quantitativa, o trabalho apresenta ferramentas para uma mensuração objetiva do tema.

Explorando a intersecção entre marcadores sociais, o artigo *Pensar a comunicação brasileira a partir de uma abordagem decolonial: aspectos de raça, classe e gênero em diálogo* de Ohana Boy Oliveira e Pedro Henrique Conceição dos Santos propõe uma leitura crítica da produção de subjetividades na comunicação brasileira. O estudo propõe uma leitura crítica da produção de subjetividades no Brasil contemporâneo, destacando a influência da colonialidade na configuração do campo da comunicação.

Focando nas mídias digitais, Suellen Yasmin Xavier de Souza e Tarcisio Torres Silva, investigam as dinâmicas entre marcas e influenciadoras digitais negras no artigo *Representações da mulher negra no Instagram: análise do perfil de Luiza Brasil*. A análise mostra que, embora as pautas políticas ganhem maior visibilidade no discurso midiático, essa aproximação nem sempre se traduz em compromissos concretos para além das plataformas digitais.

Em *Narrar entre nós como método: um caminho possível para conhecer histórias de vida de mulheres em situação de refúgio e imigrantes*, Carolina Klautau reconhece no ato de narrar um caminho para a tessitura de redes de solidariedade e reconhecimento entre mulheres em situação de refúgio e imigrantes. Dialogando com autoras como Cremilda Medina, Hannah Arendt e Elizabeth Jelin, a pesquisa acompanha a trajetória de duas mulheres imigrantes: Olga e Claudia. Nesse processo, busca-se responder à seguinte questão: “o que emerge quando mulheres em situação de refúgio e imigração participam de oficinas de narrar entre nós?”. Como resultado, observa-se que a narrativa oral, compartilhada em grupo, entre mulheres, se apresenta como uma ferramenta de cidadania, inclusão e acolhimento de pessoas em situação de diáspora.

Em *Da circulação dos saberes aos saberes circulares*, de Carla Baiense Felix, Monique Paulla e Fernanda Rebello, a oralidade também é acionada como modo de organização do tempo e da experiência social. Se apoiando em autores como Antônio Bispo e Leda Martins, o texto discute a adoção de rodas de conversa enquanto dispositivos capazes de gerar confluências e favorecer interações horizontalizadas.

No contexto audiovisual, o trabalho *Entre o eu e o nós*, de Lucas Porfírio e Fernanda Mauricio da Silva, trata da noção de escrevivência como recurso político de resistência das populações negras para controlarem suas próprias narrativas, a partir do documentário ‘Além de PRETO, VIADO (2017)’.

Ainda, em ‘*Romã*’ no *Faixa a Faixa com Sofia Freire*, de Milene Migliano Gonzaga, somos apresentados à websérie ‘Faixa a Faixa’, de Sofia Freire, para pensar a ética da reparação.

Já nos trabalhos que se voltam para o espaço, temos considerações sobre os modos como a cidade opera como mídia sensível e campo de disputas simbólicas. Esse é o foco de *Entre o corpo, a escadaria e o gesto*, trabalho em que Francielle Czarneski parte da Escadaria da Vila Madalena (SP) para compreender como os espaços urbanos participam ativamente da constituição, circulação e silenciamento das imagens.

No âmbito institucional, Verônica Soares da Costa, Ana Carolyna Gonçalves Barboza e Ivone Oliveira investigam os deslocamentos epistemológicos em processos museais, evidenciando desafios e oportunidades na incorporação de saberes afro-indígenas em narrativas institucionais, com foco na problematização do antropocentrismo, no artigo *Germinando confluências: fronteiras epistemológicas e cosmologias afro-indígenas na comunicação do Museu Universitário Espaço do Conhecimento UFMG*.

Em reflexões institucionais, especificamente sobre imagem e som, temos o artigo "O som *no pluriverso*, de Beatriz Medeiros e Luiz Ribeiro Fonseca, em que se reflete sobre a ausência de estudos de “som e de Sul” em um currículo inter/transdisciplinar de uma universidade alemã.

Em *Midiatização e Maconha*, os autores Leticia Araújo Resende Guimarães Pereira e Rennan Lanna Martins Mafra examinam, a partir da presença midiaticizada de Nêgo Bispo, como a presença comunicacional da ancestralidade emerge como disposição experiencial mobilizada na construção de processos de legitimidade pública da maconha.

Continuando nas reflexões sobre a midiatização, Nathália Basil, em o *Gari não tem nome?*, apresenta uma análise discursiva sobre a cobertura do assassinato de Laudemir de Souza Fernandes, um profissional de limpeza urbana, por parte do jornal Estado de Minas. Ao longo do estudo são analisadas 82 matérias em uma problematização dos diversos apagamentos e jogos de interesse midiáticos que reduzem a figura da vítima à condição de “gari” anônimo.

Por fim, no artigo *Gramática da intimidade brasileira: violência colonial, mestiçagem e autoridade hepática em Darcy Ribeiro*, Pollyane Belo analisa como as narrativas sobre a formação nacional se apoiam em uma lógica sensível que naturaliza a violência colonial. Em diálogo com Darcy Ribeiro e Gilberto Freyre, evidencia-se como a mestiçagem foi resignificada como gesto afetivo, obscurecendo seu caráter coercitivo.

Agradecemos às pessoas pareceristas, que nos deram retorno em prazos nem sempre justos. Também, agradecemos a toda a equipe da revista, formada por discentes do PPGC/UFPB, que nos auxiliou nas diversas etapas do processo. Que a leitura que se segue seja proveitosa, estimulando debates e reflexões que constituirão novos mundos possíveis.

Os editores

Clara Câmara (UFPB), Diego Amaral (UEM) e Renata Nascimento (UFRJ)